

MATERNIDADE, NEGRITUDE E LITERATURA¹

MATERNITY, BLACKNESS AND LITERATURE

Vania Vasconcelos²

RESUMO: A maternidade é uma experiência que interessa a toda a sociedade, mas os processos biológicos e sociais que a envolvem, afetam, sobretudo, as mulheres. Os conceitos, normatizações e narrativas sobre essa experiência estão, porém, muitas vezes sob o domínio masculino. Compreendemos que o controle e, portanto, a representação da maternidade é do interesse da ordem patriarcal. A desconstrução de tal perspectiva deve partir da investigação da reflexão e ficção de autoria feminina. Neste artigo, interessa-nos destacar como tratam esse tema duas escritoras: a caboverdeana Dina Salústio e a brasileira Conceição Evaristo, através da análise de algumas narrativas. Tomo como base teórica para a discussão, reflexões acerca do tema que estão em Aminda Forna, Bell Hooks, Djamilia Ribeiro, Chimamanda Adchie e Alice Walker.

Palavras-chave: Maternidade. Dina Salústio. Conceição Evaristo. Narrativas

ABSTRACT: Motherhood is an experience that interests society as whole, but the biological and processes that involve it affect mainly women. The concepts, norms and narratives about this experience are, however, often under the male domain. We understand that the control and so the representation of motherhood is in the interest of the patriarchal order. The deconstruction of such a perspective must start from the investigation of the patriarchal order. The deconstruction of such a perspective must start from the investigation of reflection and fiction of authorship. In this article, we are interested in highlighting how two writers treat this theme: the cape verdean Dina Salustio and brazilian Conceição Evaristo, through the analysis of some narratives, take as theoretical basis for the discussion, reflections on the theme that are in Aminda Forna, Bell Hooks, Djanila Ribeiro, Chimmamanda Adchie and Alice Walker.

Keywords: Motherhood. Dina Salústio. Conceição Evaristo. Narratives.

¹ Artigo recebido em 14 de agosto de 2019 e aceito para publicação em 24 de novembro de 2019.

²Vania Vasconcelos é Dra. em Literatura Contemporânea pela UNB, professora do curso de Letras da UNILAB-Campus dos Malês e do Mestrado Interdisciplinar História e Letras da UECE, vice coordenadora do GT da ANPOLL Mulher na Literatura e membro do Grupo de Pesquisa Afroletrias. E-mail: vaniavas@gmail.com



Um parto cheio de complexidades

Para observar os aspectos que envolvem a experiência da maternidade, livre dos conceitos e padrões construídos com base nos interesses da ideologia patriarcal, é necessário que a maternidade seja redimensionada sob o prisma do olhar feminista. Antes mesmo de buscar os textos para observar os modelos de mãe criados pela ficção de escritoras, é preciso discutir quais padrões de mãe se fixaram no imaginário da nossa sociedade, como e por quais motivos. Há muitos aspectos relacionados à maternidade que merecem nossa atenção: a revisão histórica da experiência materna na vida das mulheres, os mitos em torno da maternidade, as estratégias de sobrevivência e de saúde mental dessas mulheres, a maternidade enquanto objeto institucional do sistema patriarcal, o uso da maternidade na formulação de políticas públicas, e, o que nos interessa particularmente agora, as construções ficcionais de autoria feminina sobre o tema.

Neste breve recorte, discutiremos apenas os aspectos que são trazidos à luz a partir das narrativas das escritoras aqui estudadas, contos e romances. Por isso mesmo, nos interessa, sobretudo, a reflexão teórica que aborda vidas de mulheres negras brasileiras e/ou africanas, segmento onde estão situadas nossas escritoras e suas personagens. A perspectiva despertada por esses textos é feminista, já que, como veremos, opõem-se à abordagem mais superficial aos interesses patriarcais da situação. Dessa forma, tais narrativas trazem à tona aspectos que apresentam de maneira complexa a relação das mulheres com suas maternidades, tais como, a solidão, a culpa, a criminalização, o sentimento de perda, o abandono, a dúvida, entre outros estados. Ao mesmo tempo, as escritoras apontam para transformações na mentalidade e nas relações que afetam a vida de mulheres no mundo contemporâneo.

Embora ainda de forma insipiente, as publicações e artigos apresentados em encontros feministas nos fazem perceber que o tema voltou a fazer parte da agenda de discussões acadêmicas nas últimas décadas. De fato, estudos de várias áreas revelam a preocupação com uma reconfiguração de conceitos relacionados à maternidade a partir da visão das mulheres. Esse re-encontro da pesquisa feminista com o tema traz a possibilidade de um aprofundamento teórico e da necessária apropriação política de um conteúdo que sempre afetará de alguma forma a vida e as



decisões das mulheres. Forna (1999) afirma que não apenas a experiência, mas a maior parte das responsabilidades relacionadas à maternidade continua com as mulheres e que, por isso, precisamos nos expressar sobre o que se diz e, sobretudo, o que se decide sobre a experiência materna. Para Forna:

Na década de 1960, as feministas repudiaram a visão super romanceada da maternidade, identificando nela os laços de seda da opressão. [...] Um descuido por parte do movimento feminista como um todo foi ignorar a maternidade a partir de então. [...] a maternidade acharia um modo de se resolver. [...] Na verdade, a história de como o feminismo deve lidar com as questões em torno da maternidade está apenas começando (FORNA, 1999, p. 21).

Para Forna, em diversas culturas as mães são reprimidas a partir dos mitos e histórias que envolvem figuras maternas e estabelecem padrões de comportamento. Talvez por isso, a maternidade foi, para uma parte das feministas, uma experiência que devia ser evitada, já que representava uma situação que conduzia as mulheres a uma normatização que reduzia a independência. O principal sentido dessa abordagem era desfazer a visão essencialista que vinculava a mulher ao seu corpo físico. Era preciso, naquele momento, compreender que o desejo de ser mãe, muitas vezes, não estava relacionado aos sentimentos originais de uma mulher enquanto indivíduo, mas que esse desejo poderia ter sido gerado por uma imposição social, resultado da influência de mecanismos de pressão da cultura patriarcal.

Maternidades e Feminismos

A historiadora feminista brasileira Tania Swain questiona a imposição do papel de mãe às mulheres em seu texto 'Meu corpo é um útero?' (2007), retomando uma discussão que aí está desde Beauvoir e que ocupou várias importantes vozes do feminismo. Swain amplia a discussão, questionando qualquer imposição de orientação sexual como sendo um dispositivo de controle do sujeito. Ela argumenta qualquer discurso que aprisiona a mulher à natureza, faz da procriação a essência do ser, diminuindo a subjetividade das mulheres, roubando sua autonomia de sujeito, submetendo-as a um padrão redutor de suas humanidades. Da



mesma forma como hoje é inaceitável que pensemos em um modelo comportamental único de homem, também não podemos fazê-lo com relação às mulheres. O padrão familiar e de gênero que supunha um casal heterossexual, no qual o homem representava a responsabilidade econômica e das decisões e a mulher centralizava o lugar dos cuidados domésticos, há várias gerações deixou de ser uma referência, embora siga ainda no imaginário comum. Esse imaginário alimenta-se e é alimentado pela naturalização da associação das mulheres à maternidade. Swain afirma:

Tecida em uma densa rede discursiva que imbrica memória, tradição e autoridades diversas, a representação da 'verdadeira mulher' mãe/esposa/dona de casa é ainda em nossos dias a imagem da maioria das mulheres. **A multiplicidade que compõe o desejo e a experiência das mulheres é esquecida pelo efeito homogeneizante da imagem do mesmo** (SWAN, 2007, p. 211) (grifos meus)

Outra postura, também feminista, busca transformar as experiências maternas em ações que colaboram com um mundo sem sexismo. Esse é o pensamento expresso por Bell Hooks (2019), no texto em que salienta o quanto foi importante que as feministas tenham trazido à tona a possibilidade de oferecer um contexto de educação sem pensamentos sexistas para criar pessoas sem preconceitos e colaborar com o desenvolvimento de crianças com autoestima saudável.

Uma das intervenções mais positivas do movimento feminista em nome das crianças foi criar uma maior conscientização cultural da necessidade de participação igual dos homens na criação, não somente para construir equidade de gênero, mas também para estabelecer melhores relacionamentos com as crianças. (HOOKS, 2019, p113)

Concorda com essa proposição também a feminista nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, que na obra *Para Educar Crianças Feministas* (2017), traz, a partir de quinze sugestões, dadas à amiga Ijaewele, uma espécie de guia para promover uma educação igualitária na família. Adichie questiona a naturalização da responsabilização da educação/ alimentação/ higiene da família continuarem dirigidas às mulheres, ignorando-se, inclusive, a participação contemporânea (e não recente) delas no mundo do trabalho. Mesmo no chamado mundo ocidental modernizado e tecnológico,



os cuidados com crianças e idosos permanece, para a maioria das famílias, como tarefa principalmente feminina, ainda que no campo profissional, porque elencada entre as funções domésticas. Manter a mulher aprisionada às funções domésticas foi sempre uma importante estratégia para a manutenção da ordem patriarcal, afastando-as dos lugares de poder.

Essa dinâmica tem um impacto específico sobre a estrutura das famílias, mas determina, sobretudo, como e em que medida as mulheres podem ocupar-se de suas carreiras e participar do mundo da política ao seu redor. Por isso, apesar das pautas feministas que já conquistaram várias reivindicações de ocupação de espaços sociais para mulheres, alguns padrões de comportamento que se mantiveram durante o processo histórico, têm retardado essa igualdade de papéis entre homens e mulheres e prejudicado uma mais justa e merecida entrada das mulheres no espaço público, leia-se, nos espaços de poder.

Djanila Ribeiro (2019), filósofa feminista brasileira, num texto em que discute a culpabilização e solidão social de mães em situação de vulnerabilidade, comenta uma notícia que causara grande repercussão nas redes sociais: em um bairro de classe média paulista, uma mulher que trabalhava como doméstica, após um parto (sem assistência) no quarto da área de serviço do apartamento, onde era funcionária, abandonara o filho na rua, tendo sido flagrada por câmeras de segurança. A imagem da mulher sendo presa, a enxurrada de xingamentos recebidos rapidamente nas redes sociais, os policiais que posam de heróis com o bebê, provocaram Ribeiro a reagir em defesa da mulher e seu desespero solitário. A filósofa intitula seu texto – *Quem se responsabiliza pelo abandono da mãe?* - e a pergunta nos conduz à reflexão do quanto uma rede de situações, imposições e responsabilizações, que certamente tem nomes e endereços, são esquecidas quando se escolhe simplesmente condenar o ato desesperado daquela mulher. Onde está o pai? Onde funciona a creche que permitiria que ela continuasse trabalhando? Qual o órgão público assistiu essa mulher durante sua gestação? Que informações foram dadas a ela sobre as opções de entrega legal da criança para adoção? Sob quais acordos trabalhava? Que métodos anticoncepcionais conhecia? Quais estavam a sua disposição?



Maternidades literárias

O peso dessa responsabilidade solitária está em várias personagens dos contos de Evaristo e Salústio. Como a personagem do conto 'Liberdade Adiada' (1999), de Dina Salústio, que à beira de mais um parto, lata d'água na cabeça, à beira de um abismo, pensa em atirar-se e lembra dos filhos que lhe esperavam em casa. O conflito de sentimentos e o desespero evidencia-se:

Sentia-se cansada. A barriga, as pernas, a cabeça, o corpo todo era um enorme peso que lhe caía irremediavelmente em cima. Esperava que o coração lhe perfurasse o peito, lhe rasgasse a blusa (...) Imaginou os filhos que aguardavam e que já deviam estar acordados. Os filhos que ela odiava! (...) Atirar-se-ia pelo barranco abaixo. Não perdia nada, nunca teve nada a perder (...) à borda do barranco, com a lata de água à cabeça e a saia batida pelo vento, pensou nos filhos e levou a mão ao peito. O que tinha a ver os filhos com o coração? Os filhos...como ela os amava, nossenhora! (SALUSTIO, 1999, p.8)

A angústia e o cansaço da personagem são traduzidos por imagens do corpo físico, como "o coração lhe perfurasse o peito..." e da paisagem "o barranco olhava-a, boca aberta, num sorriso irresistível..." apontando para forma como as imposições normativas patriarcais concretizam-se no corpo feminino de forma tão violenta que o encontro com a morte se confunde com um convite amoroso. Da mesma forma, o conflito de sentimentos relacionados aos filhos, decorrente do acúmulo de responsabilidades solitárias na criação, fica explícito.

Germaine Greer, feminista britânica, afirma que todos os governos falham na proposição de políticas que respeitem a importância da função materna para a sociedade, embora todos dependam dela para a formação de seus cidadãos. Para ela, a tarefa da educação e formação dos cidadãos de uma comunidade deveria ser dividida entre os pais e especialistas que contribuíssem e orientassem de forma mais próxima e integrada à família e, nesta equipe, a mãe deveria ocupar um lugar de destaque, com a estrutura de apoio financeiro e estrutural que precisa para concentrar-se em formar bons cidadãos. Para Greer, a maternidade deveria ser encarada como uma profissão e as mulheres deveriam ser compensadas pelo tempo e gasto físico. Greer analisa que os governos dependem dos



impostos gerados pelo trabalho e, portanto, a diminuição da força de trabalho, decorrente da diminuição de nascimentos e formação de trabalhadores, teria como consequência prejuízo aos cofres públicos, portanto é fundamental investir no nascimento e formação de cidadãos.

Os governos dependem dos fundos que administram nossas sociedades com impostos. Como a força de trabalho encolhe e a expectativa de vida aumenta, fica mais difícil pagar a conta da seguridade social. Todos precisamos de crianças nascendo e que cresçam bem educadas, úteis [...]. Hoje defendo que se deve encarar a maternidade como uma carreira, quer dizer, trabalho remunerado [...]. O que significa que toda mulher que decide ter um filho receberia dinheiro suficiente para criá-lo em circunstâncias decentes (GREER, 1999, p. 237-238).

Em um país como o nosso, onde a desigualdade social e a exposição à violência afeta parte da população mais pobre de forma acentuada, a carga extra de responsabilidade e dano social recai, certamente, sobre a vida de mulheres e, de maneira especialmente cruel, de mães. Em dois contos de Conceição Evaristo, duas personagens mães sucumbem ao cruzamento da vulnerabilidade social da pobreza com o excesso de responsabilidades de uma maternidade solitária. No primeiro conto – Maria – temos a personagem, que se divide entre o trabalho como doméstica e a criação dos filhos. Ao retornar de uma longa jornada de trabalho, satisfeita por estar levando os restos de comida de uma festa para os seus, Maria termina por ser morta por passageiros de um ônibus assaltado pelo pai de um dos seus filhos, tomada como cúmplice, embora não o visse há anos.

No segundo conto, intitulado 'Zaita esqueceu de guardar os brinquedos', a protagonista, Benícia, mãe, divide-se entre as preocupações com os filhos adolescentes homens e as duas gêmeas pequenas – Zaíta e Naíta. Zaita saíra apressada para buscar a irmã que pegara uma figurinha da sua coleção e deixara os brinquedos espalhados em casa. A figurinha de menina-flor era um item importante de sua coleção. Já Naita, buscava a irmã para dizer que havia perdido sua figurinha preferida, mas que também trazia as marcas das tapas que a mãe lhe dera pelos brinquedos espalhados e a notícia de que, no acesso de raiva, a mãe quebrara a boneca preferida "aquela boneca negra, a que só faltava um braço". Em meio a tudo isso,



Benícia não pensava nas meninas e, sim, desesperava-se entre a falta de recursos e a desconfiança de que um dos filhos começava a se envolver com o mundo do tráfico. Em vão, tenta conter nas mãos os destinos dos filhos, teme pelas filhas, explode em raiva e medo. As meninas circulam nos becos, enquanto mais um tiroteio atravessa as ruas da favela.

Estava chegando à conclusão que trabalho como o dela não resolvia nada. Mas o que fazer? Se parasse, a fome viria mais rápido. Benícia, ao dar por falta das meninas, interrompeu os pensamentos. Não ouvia as vozes das duas há algum tempo. Deviam estar metidas em alguma arte. Sentiu certo temor. Veio andando aflita até a cozinha e tropeçou nos brinquedos esparramados pelo chão. A preocupação anterior se transformou em raiva. Que merda! Todos os dias tinha que falar a mesma coisa! Onde as duas haviam se metido? Por que deixaram tudo espalhado? Apanhou a boneca negra, a mais bonitinha, a que só faltava um braço, e arrancou o ouro, depois a cabeça, as e as pernas. (EVARISTO, 2014, p.75)

O desânimo, o descontrole e a mistura de sentimentos da personagem são semelhantes ao estado de ânimo da personagem mãe do conto de Salústio, anteriormente comentado. Ambas lidam com uma carga sobre humana de atribuições e representam situações nada incomuns, agravadas pela naturalização da responsabilização solitária. Ambas poderiam justificar mais uma vez o questionamento de Djamilia Ribeiro ao questionar 'Quem se responsabiliza pelo abandono da mãe?'. Tanto na imaginação das escritoras, quanto na reflexão crítica da crônica feminista, a abordagem de situações contemporâneas de maternidades nos conduz a uma análise que constata uma sobrecarga de culpa e responsabilidades de mulheres que terminam por provocar ou agravar tragédias.

Noutra abordagem deste mesmo tema, as duas escritoras nos trazem as mães adolescentes, consequência direta de outro abandono social que afeta marcadamente mulheres: a ausência de políticas educativas para a sexualidade. Apesar de crescerem em uma época na qual a informação é tão facilitada, nem sempre a qualidade de informação chega a tempo de que façam escolhas, experimentem e vivenciem suas sexualidades sem engravidar precocemente. A gravidez adolescente agrava e penaliza muito mais jovens em situação de vulnerabilidade social, geralmente pobres e



negras, repetindo por vezes o destino anterior das mães, como numa ciranda. Salústio nos traz a menina grávida, apontada, culpada e entristecida pela proximidade de um parto que lhe roubará a infância e anunciando a limitação do futuro.

Em setembro fará calor. Para setembro Paula terá seu filho. Ainda há dias ela ria e dançava pelos cantos. Colecionava conchinhas. Que é das conchinhas? Que é dos sonhos? Hoje carrega uma barriga enorme. Sozinha. (...) Aos dezesseis anos não se devia ter filhos. Aos dezesseis anos não se devia carregar culpas, nem vergonhas. (SALÚSTIO, 1999, p.42)

A ausência da responsabilidade paterna é uma marca significativa nessas narrativas. Nos textos, como no senso comum, os homens saem impunes ao ignorarem as responsabilidades paternas. Aqui, como na reportagem comentada por Djanila Ribeiro, nenhum homem é julgado. Noutro conto da sua mais nova coletânea, Salústio (2019) apresenta a costureira Nha Teodora, que trabalha sem cessar para conseguir sustentar os filhos, agarrada à máquina dia e noite, sem parar e, quando lhe perguntam quem é o pai de seus filhos, responde que são “filhos de Deus”.

Voltando às mães adolescentes, o comovente conto de Evaristo, intitulado ‘A gente combinamos de não morrer’ traz uma trama que entrelaça a história de um jovem casal – Bica e Dorvi- que acabara de ter seu primeiro filho, enquanto Dorvi já vivia enredado pelas tramas do tráfico de drogas. No enredo, Dorvi e Bica são duas das vozes narrativas que se lembram do tempo que cresceram juntos com outros amigos e amigas, narram a amizade do grupo de adolescentes, as esperanças e promessas. Além deles, também é voz narrativa, a mãe de Bica, avó da criança. As vozes se alternam, completando o quadro da comunidade que ia formando laços em meio à naturalização da violência vivida na guerra entre a polícia e as facções. Aos poucos, os narradores vão nos dando conta das perdas, das mortes dos rapazes do grupo, vamos nos deparando com o isolamento de D. Esterlina, mãe de Bica e Idago, morto na guerra. D. Esterlina foge do sofrimento alheando-se nas novelas de televisão. Uma mãe impotente contra tudo que soterra a vida dos filhos.

Quando choro diante das novelas, choro por coisas que não gosto nem de pensar. Dorvi é companheiro de Bica, minha filha. Fizeram um filho, meu primeiro



netinho (...) Outro dia me contaram que Dorvi está complicado. Eu pensei outro futuro para meus filhos. (...) Eu tenho esperança de que Bica, minha menina, não sei como, terá outro destino. (EVARISTO, 2014, p. 105)

Diante da eminente morte de Dorvi, seu companheiro e pai de seu filho, também Bica pensa no seu futuro e se percebe, assim como suas amigas de infância, enredada numa trama que já anuncia um futuro de solidão, dificuldades e falta de perspectivas, tudo agravado pela gravidez adolescente.

Deve haver uma maneira de não morrer tão cedo e de viver uma via menos cruel. Vivo implicando com as novelas de minha mãe. Entretanto, sei que ela separa e separa, com violência os dois mundos. Minha mãe sempre costurou a vida com fios de ferro. Tenho fome, outra fome. Meu leite jorra para alimentar meu filho e filhos alheios. Quero contagiar de esperanças outras bocas. Lindinha e Biunda tiveram filhos também, meninas. Biunda tem leite escasso. Lindinha trabalha o dia inteiro. Elas trazem as menininhas para eu alimentar. (EVARISTO, 2014, p. 109)

Outras personagens de Evaristo trazem diferentes perspectivas e experiências de maternidades complexas. Pensemos em Ponciá Vicêncio, protagonista de seu primeiro romance. Ponciá é uma personagem movida inicialmente pela busca de si e de sua história. Ela desejava saber das narrativas familiares, mesmo as de dor, contanto que lhe revelassem quem era e permitissem novas perspectivas, por isso não gostava do sobrenome que os acompanhava. Essa atitude associa Ponciá a um grupo de personagens, notadamente femininos e não submissos, que percorrem a obra de Evaristo. Ela migra para a cidade, abandonando a vila rural em que crescerá. No centro urbano, emprega-se como doméstica, casa e, depois de um tempo, decepiona-se com a falta de perspectivas. Ponciá engravida várias vezes, mas os filhos sempre nascem mortos. A narrativa de Evaristo deixa claro que a desilusão e a dor levam a personagem a mergulhar num estado de depressão permanente que, por sua vez, contribui para a perda dos filhos, o alheamento de si mesmo e da vida em sua volta. Ainda que inconsciente, Ponciá escolhe não permitir que os filhos repitam a vida de privações e preconceitos que enfrentava. Ponciá interrompe a ciranda de



sofrimentos para sua possível descendência e escolhe sua arte (artesanato) como sua única criação.

No conto 'Quantos filhos Natalina teve?', Evaristo nos traz uma reflexão inovadora, como se perguntasse – quando uma gravidez, de fato, pertence a uma mulher? A protagonista, Natalina, cujo nome parece encaminhá-la a um destino maternal, passa por várias gravidezes sem desejar tê-las. Na primeira, fruto de um namoro de adolescência, doa a criança; na segunda vez, já senhora da sua sexualidade, embora usasse métodos de anticoncepção, engravida e apenas não interrompe porque o namorado queria muito o filho, então, deixa que nasça, mas rompem o namoro e ele leva a criança; a terceira acontece quando cede ao pedido de um casal que desejava um filho, mas a mulher não podia engravidar. Por fim, depois de um tempo, quando ela se descobre mais uma vez grávida, depois de sofrer um estupro, surpreendentemente, decide que esta seria a gravidez que lhe traria seu filho: “Natalina alisou carinhosamente a barriga, o filho pulou lá dentro respondendo. Ela sorriu feliz! Era a sua quarta gravidez, e o seu primeiro filho. Só seu. De homem nenhum, de pessoa nenhuma. Aquele filho ela queria, os outros não.” (EVARISTO, 2014).

Evaristo traz aqui a reflexão sobre como podem ser diversos (e complexos) os sentimentos das mulheres quando vivenciam a experiência da maternidade e o que gira em torno disso para um nível mais profundo, para além das normatizações do sistema de ideias que nos “tornam mulheres”. Quando sua personagem, contra tudo que regulam as leis ou mesmo o pensamento patriarcal, abraça feliz uma gravidez fruto da violência de um desconhecido, mas dispensa a oportunidade de criar filhos feitos com amor; quando aceita a terceira gravidez sem envolver-se emocionalmente quando lhe pedem, plenamente consciente de que, ali, seria apenas o receptáculo do desejo de outros, Evaristo rompe com estigmas, modelos, padrões para nos fazer pensar no que nos trouxera Swain – meu corpo é um útero?-

A personagem parece buscar, mais que tudo, a posse de si mesma, libertando-se de qualquer imposição. Para Natalina, o destino que lhe traçaram no nome só seria assumido quando assim fosse sua vontade e de mais ninguém. Dessa forma, Evaristo discute a trama impositiva que enreda a vida de mulheres, mobilizando desde os sentimentos até os fatos e



escolhas ao longo de suas vidas, criando uma personagem com rara consciência da importância de ser livre.

Para fechar nossas reflexões sobre o tema em nossas duas escritoras, retomemos a Salústio e seu último romance, intitulado *Veromar* (2019). No enredo, transitam quase exclusivamente personagens femininas, com exceção apenas do antagonista, o raptor de uma das personagens, que, embora transforme fundamentalmente o destino de uma das protagonistas, quase não tem voz ou pensamento expresso. A trama acompanha a vida de três personagens desde a pré-adolescência até a maturidade, cruzando o caminho das três, discutindo suas relações com suas mães e, por fim, tornando-as partícipes de uma maternidade única: o filho da menina raptada e violentada que será deixado numa porta, resgatado pela segunda e, posteriormente, criado pela terceira. No enredo, a complexidade dos sentimentos de mães e filhas, envolvidas nas imposições da ordem patriarcal, que as quer sob controle quando filhas, que as exige sempre atraentes, que brutaliza suas relações ao subjugá-las como objetos de seus desejos, e, sobretudo, que as faz ignorarem-se para atenderem ao que lhes é imposto.

Mães adolescentes, mães maduras, mães envolvidas numa luta incessante para criarem filhos e espaços onde respirar, mulheres fortes que decidem ser ou não ser mães, mulheres que dividem uma maternidade, mulheres que rejeitam maternidades, enfim, representações criadas a partir das mais diversas possibilidades. Se há algo em comum na criação das personagens mães dessas duas escritoras, é justo o fato de não obedecer a estereótipos ou superficialidades; em comum, a busca pela complexidade dessa experiência.

Para encerrar, vale lembrar aqui dois textos não literários, nos quais escritoras falaram de suas mães e da influência delas na sua criação. O primeiro é de Evaristo, quando, tentando explicar a gênese da sua obra, conta como a mãe, lavadeira de roupas, desenhava o sol no chão para que ele surgisse no céu. A leitura que a memória faz do gesto materno, como de uma escrita simbólica do poder da palavra, demonstra seu reconhecimento do poder e da sabedoria deste lugar ancestral e feminino. Evaristo sempre se refere à sua mãe como fonte inspiradora, pela ternura com que brincava com as filhas, as histórias que contava, sem perder-se nas amarguras da vida



dura que enfrentava, que poderiam ter derrotado seu espírito e, conseqüentemente influenciado negativamente sua família.

O segundo, quando Alice Walker, escritora estadunidense, no texto “Em busca do jardim de nossas mães” (1974), *lembra de como sua mãe cuidava artisticamente do jardim, através de quem, ela tenta compreender de forma mais ampla como as mulheres negras conseguiram manter sua criatividade, quando, por tanto tempo lhes foi negado até mesmo o acesso à leitura, muito menos à arte e de como essas mulheres inspiraram em filhos, os dons artísticos. Walker se pergunta como puderam expressar e manter sua potencialidade artística, sufocadas pelas pressões domésticas, limitadas pelas leis, preconceitos racistas e sobrecarregadas. O segredo, para Walker, está no amor com que essas mulheres viviam algumas atividades de mães e donas de casa. No caso de sua mãe, era o amor com que cuidava do seu jardim. A simples rotina de plantar era cheia de mágica, criatividade; nesta atividade, diz Walker, ela colocava seu espírito: “Eu notava que somente quando minha mãe estava trabalhando com suas flores é que ela era radiante(...) Ela se envolvia no trabalho também com sua alma. Por ordem no universo numa imagem da sua concepção pessoal da Beleza” (1974).*

Há, portanto, na representação do tema da maternidade, a partir da perspectiva das escritoras aqui tratadas, além de grande diversidade de abordagens, de discussão da complexidade de relações e emoções envolvidas, da reivindicação de justiça, o desejo de cumprirem o que chamei, tomando a obra de Evaristo como estudo, de ‘rosário de mulheres’, ou seja, uma aliança ou elo que se estabelece entre mulheres de gerações diferentes, uma espécie de ciranda, na qual vão se repetindo as “contas do rosário”, ora revelando sororidade, ora repetindo dores, denunciando o enredo que se repete. Essas representações e reflexões são um movimento necessário aos feminismos contemporâneos: tomar de volta as narrativas, as decisões, os desejos que envolvem tudo nas vidas de mulheres, ou seja, também suas maternidades. Ser ou não ser mãe deve ser uma escolha. Tratar da maternidade como uma escolha, denunciar o quanto não o é, é ainda e sempre lutar pela liberdade e justiça para homens e mulheres. Trazer à tona as narrativas de autoria feminina que abordam esse tema é pensar, como faz a literatura, o que desejamos para um mundo melhor.



Referências

- ADICHIE, C. N. **Para educar crianças feministas: um manifesto**. tradução Denise Bottmann. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017
- EVARISTO, C. **Olhos D'água**. Rio de Janeiro: Pallas, 2014
- _____. **Ponciá Vicêncio**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2003
- FORNA, A. **Mães de todos os mitos: como a sociedade modela e reprime as mães**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999
- GREER, G. **A Mulher Inteira**. Trad. Alda Porto. São Paulo: Record, 2001
- HOOKS, B. **O Feminismo é para todo mundo**. Tradução Ana Luiza Libâno. 4ª edição. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019
- RIBEIRO, D. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2019
- SALÚSTIO, D. **Mornas eram as noites**. Lisboa: Instituto Camões, 1999
- _____. **Filhos de Deus**. Santiago: Acácia Editora, 2018
- _____. **Veromar**. Santiago: Rosa de Porcelana, 2019
- SWAIN, T. 'Meu corpo é um útero?' In: STEVENS, C. (org.). **Maternidade e Feminismo: diálogos interdisciplinares**. Santa Catarina: Ed. Mulheres, 2007
- WALKER, A. **In Search of Our Mothers' Gardens: The Creativity of Black Women in the South (1974)** pesquisado no site <http://www.msmagazine.com/spring2002/walker.asp> em 14 de junho de 2019.

